

Instrução, Tecnologia, Informação

ONTEM – HOJE – AMANHÃ



Debate em Tempo de Pandemia



Participação de:

**Maria Emília Brederode Santos, Mário Figueiredo,
António Dias de Figueiredo, Raquel Varela, João Caraça**

Moderação de:

José Manuel Rosendo

Biblioteca cultura integral



2020

A Associação Bento de Jesus Caraça (ABJC) tem por vocação maior dar corpo às palavras do seu patrono, formuladas em 1933 na célebre palestra: “A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo”:

«O que o mundo for amanhã é o esforço de todos nós que o determinará. Há que resolver os problemas que estão postos à nossa geração e essa resolução não a poderemos fazer sem que, por um prévio esforço do pensamento, procuremos saber, por uma análise fria e raciocinada, quais são esses problemas, quais as soluções que importa dar-lhes — saber donde vimos, onde estamos, para onde vamos».

É no âmbito destas ideias que a *Associação Bento de Jesus Caraça* promoveu um debate sobre **Instrução, Tecnologia, Informação / ONTEM-HOJE-AMANHÃ** que em razão da actual situação de emergência sanitária só pôde realizar-se na forma virtual.

Pareceu interessante transcrever o debate, mesmo arriscando perder a riqueza da espontaneidade conferida pelos recursos da oralidade, parcialmente reconstituída com a pobreza da pontuação, mas ganhando talvez na afinação formal do discurso — após uma sua natural revisão pelos participantes— garantindo assim maior divulgação das ideias em discussão. Foi o que fizemos e disso vos damos conta.

A organização do debate foi a seguinte:

- 1) Apresentação do debate feita pelo moderador José Manuel Rosendo
- 2) Intervenção de cada um dos participantes convidados:

Maria Emília Brederode Santos, Mário Figueiredo, António Dias de Figueiredo, Raquel Varela

- 3) Discussão entre os participantes convidados orientada pelo moderador
- 4) Intervenção de João Caraça, presidente do Conselho Geral da ABJC

Os participantes serão identificados na transcrição do debate da forma seguinte:

Maria Emília Brederode Santos	(MEBS)
Mário Figueiredo	(MF)
António Dias de Figueiredo	(ADF)
Raquel Varela	(RV)
José Manuel Rosendo	(JMR)
João Caraça	(JC)

TRANSCRIÇÃO

do
|

DEBATE

Instrução, Tecnologia, Informação / ONTEM – HOJE – AMANHÃ



Devemos um agradecimento em primeiro lugar à *Associação Bento de Jesus Caraça* pela iniciativa de promover este debate; esta Associação tem por objectivo divulgar o pensamento de Bento de Jesus Caraça e o trabalho por ele desenvolvido em diversos planos e diversas áreas. Agradecimentos também aos nossos convidados que aceitaram partilhar as suas ideias entre si e debater connosco. E devemos também uma palavra pelo facto de este debate ter estado inicialmente previsto para o dia 25 de Junho, deste ano de 2020, dia em que se completariam 72 anos sobre a morte de Bento de Jesus Caraça, mas por não ter sido possível realizar então esse debate, devido a problemas com a ligação à plataforma digital,

José Manuel Rosendo só hoje, 15 de Julho, podemos fazê-lo.

Presumo que gostaríamos todos de proceder a este debate sem os constrangimentos provocados pela actual pandemia, mas é assim que estamos e é assim que vamos fazer.

Quanto à metodologia, temos uma hora e meia para estarmos aqui a conversar, vamos ter uma primeira intervenção de cerca de 10 minutos, de cada um dos nossos convidados e depois encetaremos o debate de ideias dos participantes entre si.

Para nos guiarem ao longo desta conversa temos os nossos convidados, com currículos longos, muito ricos, e eu vou ter obrigatoriamente de abreviar e abreviar mesmo, pelo que peço desculpa. Começo por Maria Emília Brederode Santos, investigadora em Ciências da Educação, é presidente do Conselho Nacional de Educação, Raquel Varela, investigadora em Sociologia do Trabalho e também professora universitária, Mário Figueiredo, investigador em Inteligência Artificial, membro da Academia das Ciências e professor universitário, e António Dias de Figueiredo, investigador em Inovação Educacional e também professor universitário.

Neste tipo de debates, se eu estiver errado ou se não concordarem comigo, corrijam-me, mas eu penso que é preferível deixar aos convidados total liberdade para abordarem as questões da forma que melhor entenderem, porque acho que normalmente nestas circunstâncias têm a capacidade de nos surpreender e se nós logo desde o início quisermos condicionar ou dirigir muito o debate perdemos essa oportunidade de sermos surpreendidos e de ouvirmos coisas em que eventualmente nem sequer tínhamos pensado ou de uma forma que ainda não tínhamos pensado sobre elas; portanto as intervenções iniciais apontam, segundo aquilo que ficou acordado, para intervenções de dez minutos, obviamente com a necessária tolerância, e eu então recorro ao tema central:

Instrução, Tecnologia, Informação / Ontem-Hoje-Amanhã

Damos então a palavra aos nossos convidados.



**Maria Emília
Brederode Santos**

Gostava de começar com duas provocações. Antes queria agradecer muito o convite para estar aqui neste debate sobre Educação, à *Associação Bento de Jesus Caraça* e ao meu amigo Paulo Almeida que me fez o convite; e saudar todos os companheiros de mesa, — “mesa virtual” é claro — saudá-los a todos e manifestar o gosto de estar convosco; e vamos então às provocações: a primeira agradecendo muito aos organizadores a humildade com que estão a repetir esta sessão reconhecendo as dificuldades encontradas nestes encontros a distância, prática que me deixa muito aliviada e reconfortada na minha quase iliteracia digital...

A segunda provocação já é entrando na matéria: o conhecimento que foi mais útil neste período difícil, perante este vírus tão pouco conhecido e que se expande mais rapidamente do que evolui o conhecimento científico a seu respeito, foi a história, o conhecimento histórico e o conhecimento literário.

De facto, todas as medidas de resposta à pandemia têm sido medidas que já eram conhecidas doutros tempos e em especial do tempo da gripe “espanhola”, como o confinamento, a higiene das mãos, a máscara (que nos remete para os tempos medievais), o distanciamento social — são respostas que já vêm de trás, que já vêm da história, e por isso é que me parece importante fazer aquela afirmação, porque a história, as ciências sociais, as ciências humanas, a literatura têm estado bastante ignoradas, submergidas, nestes últimos anos, pela ênfase colocada nas ciências mais “duras”.

Ainda neste seguimento parece-me que também a história pode beneficiar muito desta experiência e do seu estudo, na medida em que, na problemática das rupturas e das continuidades, aquilo que nos parece uma ruptura enorme, de facto, muitas vezes é constituído por continuidades que se aceleraram. Considero que o que se passou foi uma enorme aceleração de mudanças que já vinham de trás:

A primeira constatação que se fez logo quando se encerraram as escolas e se passou ao ensino a distância foi de que havia um agravamento enorme das desigualdades sociais, mas logo seguida da constatação de que eram afinal expressão de desigualdades que já existiam na sociedade e que o encerramento das escolas apenas as veio tornar mais evidentes, mais visíveis e também agravá-las naturalmente.

O que se constatou foi então uma desigualdade perante os dispositivos digitais, como é evidente: uma desigualdade no acesso a esses dispositivos, uma desigualdade pela sua inexistência ou pela sua insuficiência: muitas vezes até havia em casa um ou dois desses dispositivos mas com a família toda em teletrabalho ou em teleensino não se conseguia que o equipamento fosse suficiente; depois uma desigualdade territorial — o que foi para mim um pouco surpreendente porque não me tinha dado conta de como a cobertura da rede no país era desigual e como, saindo de Lisboa, já havia grandes problemas de acesso à *internet* em muitas zonas.

A disponibilidade dos pais para apoiar os miúdos em casa, por um lado directamente — muitos estão em teletrabalho e não podem, outros têm que ir trabalhar e também não podem — mas também na questão da preparação, e é aí que eu digo que são desigualdades que vêm de trás, que já cá estavam, só que se tornaram muito mais visíveis. Desigualdades ainda noutros aspectos menos evidentes, como sejam o desconhecimento e a incompreensão do sistema educativo — como é que funciona, como é que funciona a Escola — e aí por exemplo uma conselheira (do Conselho Nacional de Educação) chamava a atenção para como os meninos imigrantes estão em desvantagem porque ainda menos compreendem o funcionamento do sistema. Outro fenómeno diz respeito ao recurso dos pais a explicadores, que muitas vezes acabaram por estar também *online*; mas este fenómeno também vem de trás: num estudo recente encomendado pela CONFAP (Confederação Nacional das Associações de Pais) concluía-se — vou citar de memória — que 70% dos alunos do Ensino Secundário recorrem a explicações, 50% dos alunos do 3º Ciclo, 40% do 2º Ciclo e já 20% no 1º Ciclo.

É um sinal muito grave e complicado do funcionamento da nossa escola. Num *webinar* que organizámos recentemente no Conselho Nacional de Educação, o conselheiro Sérgio Niza dizia que há uma espécie de “escola-sombra”, não direi paralela porque essa tem outras conotações, mas uma “escola” que é sombra daquela escola regular, que é a escola do dia a dia que todos frequentam. Sem ter nada contra as explicações, obviamente, mas este recurso tão generalizado a esse apoio revela ineficácia, insuficiência do ensino regular ou uma desadequação dos programas e da escola em geral aos alunos que a frequentam.

E portanto, nesta tensão entre o papel reprodutor da Escola e o papel emancipatório da Escola, à primeira vista diríamos que se acentuou o primeiro polo, o polo reprodutor das desigualdades e agravando-as até; mas, por outro lado, podemos pensar que a substituição das aulas presenciais pelo ensino a distância, se tem esse papel de reprodução e de agravamento, também pode e deve ter um papel emancipatório, porque de facto pode contribuir para uma possibilidade quase infinita de acesso ao conhecimento e à informação. Conviria que fosse possível utilizar o ensino a distância nesse sentido!

O que se verificou também neste “ensino remoto de emergência”, (como agora lhe chamam para dizer que não se tratou propriamente de ensino a distância) foi que os alunos mais velhos aguentaram melhor do que os mais novos; a partir do Secundário e do Superior aguentaram muito melhor do que os mais pequenos, — e isto é uma constatação de quase todos os inquéritos que têm sido publicados — mas a verdade é que professores que trabalhavam com alunos de outra maneira, professores do 1º Ciclo por exemplo, de certas correntes pedagógicas (como as que são inspiradas pelo Movimento da Escola Moderna) que tinham a preocupação de promover a autonomia dos alunos e de utilizar ferramentas digitais para esse efeito, nessas aulas não terá havido grandes problemas de aprendizagem com a transição para o ensino a distância. Portanto parece-me importante essa ideia de que a Escola deve promover a autonomia dos alunos, a sua capacidade de gerir a sua própria aprendizagem e que, se assim for, haverá também menos dificuldades no ensino a distância que possa vir a ter de ser retomado.

E daqui eu concluo que o dilema que tem sido colocado entre ensino presencial e ensino a distância não faz muito sentido, é quase um falso dilema, porque é claro que, na sua grande maioria, os professores, os alunos e os pais preferem o ensino presencial e que este é mais eficaz nas aprendizagens.

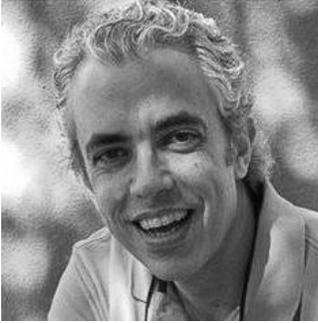
A verdade é que a utilização de tecnologias digitais no ensino já existia e tem vindo a aumentar e o que importa é o modo como são utilizadas; o que houve aqui foi uma grande aceleração e uma não integração no ensino presencial, essa é que foi a mudança. Diria que, se for para se substituir o professor, como nesta emergência, ou para reproduzir um modelo de ensino predominantemente expositivo, não será uma inovação muito interessante, pelo menos para os alunos mais novos, embora possa ser um mal menor. Mas o mais viável e o mais útil é portanto a utilização de tecnologias por professores e alunos para ajudar a promover a autonomia dos alunos e a sua capacidade de aprenderem a aprender, para os próprios alunos irem procurar informação, por exemplo, para um problema que se tenham colocado e aí terão obviamente no telemóvel ou no computador um mundo infinito de conhecimentos dificilmente atingível na sala de aula; ou ainda para auto-avaliarem as suas aprendizagens e saberem encontrar formas de responder aos pontos fracos, ou para procurarem outras ramificações... O computador, (o *tablet*, o telemóvel...) é ainda um instrumento extraordinário por permitir a produção, a autoria e a sua divulgação. Também aqui a mudança é enorme, mas também já existia em esboço: no ensino presencial, em muitas aulas, os alunos já apresentavam os seus trabalhos em *powerpoint*, por exemplo. E há experiências muito interessantes como a da Professora Adelina Moura, que já há muitos anos utilizava o telemóvel para exercícios poéticos com muito agrado dos seus alunos.

É evidente que para este uso mais ambicioso e mais autónomo é necessária também formação de professores e alunos. Mais uma vez também existiu uma formação acelerada, principalmente do ponto de vista técnico, uma formação técnica que tanto professores como alunos reconhecem ter feito, de uma forma acelerada e em autodidactismo ou por meio de apoios a distância, através das plataformas. Mas não é bem só a essa formação que me refiro, e sim a uma reflexão sobre aquilo que é melhor feito presencialmente e aquilo que é melhor feito a distância; sobre o desenvolvimento de competências

para isso, por exemplo é preciso ter competências para saber procurar informação, é preciso saber avaliá-la, é preciso saber distinguir desinformação e *fake news* de notícias fidedignas, ou saber avaliar a fiabilidade das fontes, tudo isso são competências mediáticas, nós chamamos-lhe assim, que são necessárias para este tipo de trabalho.

E, portanto, concluo dizendo que o que considero mais interessante e mais útil da experiência “de ontem e hoje” para “amanhã” neste domínio da “tecnologia, da instrução e da informação” é a utilização do digital como ferramenta de um ensino presencial que vise a atividade e a autonomia dos alunos.

Esta reflexão deve ser feita pelos professores e pelas escolas para não se ser empurrado pelas pressões do mercado nem pela tentação de cair numa resistência de que só o ensino presencial é que é bom, um tipo de resistência ludista ao que é novo, e o sentir como ameaça ao emprego todas as referências à utilização de meios digitais. Considero que não faz sentido nem ceder às pressões do mercado para usar o digital no ensino nem colocarmo-nos numa posição de resistência à mudança e sim procurarmos, em conjunto com os alunos, e ouvindo-os muito, encontrar as soluções para melhor beneficiar das tecnologias integradas no ensino presencial e com isso promover a autonomia dos alunos, a sua capacidade e as suas competências, para que todos os alunos, e contrariando ao máximo as desigualdades, possam aprender ao longo de toda a vida.



Obrigado aos organizadores deste evento pelo convite, que me deixou um bocadinho baralhado porque não tive uma ideia muito clara de qual seria o foco do tema: obviamente que o título *Instrução, Tecnologia, Informação* aponta para algo muito geral, não necessariamente relacionado com este momento em que tivemos que adaptar o modo de ensino à pandemia; mas eu terei algo a dizer em complementaridade à intervenção da Professora Maria Emília Brederode Santos e não tendo eu experiência nenhuma no Ensino Secundário, vou focar a minha atenção no Ensino Superior, pois é aí que tenho experiência. Mas antes disso vou fazer uma pequeníssima nota pessoal e uma outra nota pessoal um bocadinho maior e que parece um

Mário Figueiredo pouco ortogonal ao tema mas que o não é.

A primeira nota pessoal é que eu apareço no cartaz anunciando este debate como investigador em Inteligência Artificial, que é um “chapéu estranho” que não me serve muito bem mas que é habitualmente colocado na minha cabeça, em anos recentes: sou de formação básica engenheiro electrotécnico mas há muitas pessoas que trabalham nessa área, e a Inteligência Artificial vem dessa área, mas a Inteligência Artificial hoje em dia tomou conta de muitas áreas e eu gosto mais de referir-me a uma destas áreas, como *Data Science* ou Ciências de Dados ou Ciências de Inferência, ou algo desse género; só para dizer que eu não me sinto totalmente confortável com o meu “chapéu” de investigador em Inteligência Artificial, aliás até há pessoas aqui presentes (embora virtualmente) que aí estão verdadeiramente, como o Professor Helder Coelho que é um pioneiro da Inteligência Artificial em Portugal e eu não sou, de todo, pois venho de uma área diferente embora hoje em dia esteja dentro desse grande “guarda-chuva”.

A segunda nota pessoal resulta de uma coincidência feliz: na véspera da outra data que estava marcada para este debate o Paulo Almeida reencaminhou para as pessoas que iam participar no painel um *email* da Professora Olga Pombo, dirigido à *Associação Bento de Jesus Caraça*, em que ela se congratulava com a escolha no título deste debate, da palavra “Instrução” e não “Educação” e depois apontava para um texto dela que eu não conhecia e que fui ler¹; e por que é que isto é uma nota pessoal? é uma nota pessoal porque a Professora Olga Pombo foi minha professora no liceu, (de Filosofia e se bem me lembro de Introdução à Política), nos dois últimos anos do liceu, em 1978-79, no *Liceu D. Pedro V*; foi uma professora excelente, perfeitamente excelente! e teve um papel muito importante na carreira que eu iria seguir, levando os alunos que nisso estivessem interessados, até ao Instituto Superior Técnico para assistir a umas palestras do Professor João Resina Rodrigues — falecido em 2010 —, sobre história das ciências, começando com os Gregos e acabando no princípio do século XX com a Relatividade e a Física Quântica e isso marcou-me, claro, para sempre, é o tipo de coisa que não se esquece; e eu fui ler o artigo que eu não conhecia, escrito pela Professora Olga Pombo — julgo aliás que na audiência virtual está um colega meu de liceu que também foi aluno dela, é o Lívio Cipriano — e li o texto com interesse renovado, dada esta ligação que eu tinha com ela nos meus tempos de liceu, e encontrei lá uma frase que acho que merece ser amplamente conhecida e que caracteriza de uma maneira perfeitamente extraordinária aquilo que ela considera que define o perfil da educação intelectual, e que é inerente àquilo que ela considera ser o verdadeiro ensino; o texto é muito longo, tem a ver com muitas outras coisas mas há esta frase que acho notável e devia ser quase lapidar, em que ela diz: «Refiro-me à transmissão dos valores internos à própria aprendizagem científica, artística, filosófica, humanística, valores de que a ciência, a arte, a filosofia, as humanidades são aplicação, resultado, exemplo — confiança nos poderes da razão, recusa da autoridade, liberdade de pensamento e de expressão, exigência de rigor, clareza, elegância, simplicidade, beleza, gratidão para com os gigantes do passado». Fico comovido quando leio esta frase porque acho que ela captura extraordinariamente bem aquilo que é o ensino na sua componente de educação intelectual.

Porque é que eu acho que isto é um assunto extremamente relevante para discutir no contexto da pandemia e desta necessidade que tivemos todos de ir ensinar para casa e de ir aprender para casa?

Ao contrário daquilo que a Professora Maria Emília Brederode Santos disse, que a disciplina mais importante nesta etapa foi a história, eu discordo um bocadinho disso, porque estamos neste momento numa posição em que nunca estivemos antes em termos de comunicação do conhecimento; se tivéssemos que fazer uma interrupção lectiva desta intensidade há quarenta anos não havia como transmitir conhecimento e, como ela disse mais tarde, hoje em dia o acesso ao conhecimento e o acesso à informação, ou seja à parte do conteúdo do conhecimento, é trivial: hoje os miúdos têm acesso e com facilidade a tudo e mais alguma coisa, a cursos excelentes, aulas da melhor qualidade de todas as universidades do mundo, *tutorials* sobre tudo e mais alguma coisa; obviamente que o acesso é muito desigual em função do nível económico e até de localização geográfica e muitos outros aspectos, — mas não vou entrar por aí porque no Ensino Superior esse factor não é tão grave.

Mas o que ficou de fora foi a outra parte e essa é extremamente difícil fazer remotamente, que é a parte da educação intelectual que é mais ou menos o que está por cima da parte dos conteúdos e que é quase impossível fazer de forma remota sem que os estudantes contactem uns com os outros, sem que haja a interacção directa emocional entre o professor e o estudante, sem que haja outros aspectos de motivação; mas acho que nesta época o acesso ao conhecimento é de tal modo trivial! há trinta ou quarenta anos se eu precisasse e andasse à procura de um teorema de matemática, por exemplo, eu tinha que ir descobrir quem era a pessoa certa a quem perguntar, o que não era fácil e essa pessoa diria talvez: eu não sei isso mas há o professor tal que se calhar sabe, e era capaz de demorar umas duas ou três semanas até chegar a um perito que soubesse do assunto; isso hoje em dia é completamente trivial, hoje em dia o que quer que eu queira saber está disponível quase ao cair da tecla; o que não está disponível é, obviamente, a parte emocional, a parte de motivação, a parte de despertar os alunos para o “querer aprender”, para o “querer saber”... se o quiserem; a parte de colocar em modo de curiosidade, de querer saber, essa parte quebra-se completamente com o ensino à distância; lembro-me que alguém escreveu no *Público* há um mês ou dois um artigo que se intitulava “*Educação e crise: ensino ou distância?*”[†] que focava exactamente esse aspecto; embora provavelmente se possa pensar que no Ensino Superior esse aspecto não é tão grave eu acho que também é muito grave; e acho que hoje em dia o aspecto mais crítico no ensino e mesmo no ensino presencial, é o aspecto da motivação, o aspecto emocional, a ligação emocional que é subjacente à educação intelectual de base e que não tem a ver especificamente se é ciência, se é arte se é filosofia como nessa frase da Professora Olga Pombo, e que remotamente é praticamente impossível e se tem estado a perder; é claro que eu não tenho aqui a solução boa para o fazer remotamente mas deixo aqui isso à discussão para mais tarde.

[†] Trata-se do artigo de Olga Pombo, “*O insuportável brilho da escola*”, inserido no livro *Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa*, edição de Alain Renault *et alia*, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2003.

[†] O artigo “*Educação e crise: ensino ou distância?*” foi publicado na edição do jornal *Público* de 9 de Maio de 2020, sendo autores: Francisco Teixeira, Raquel Varela, Roberto della Santa.



António Dias de Figueiredo

É um prazer estar em tão boa companhia neste debate. Bento Caraça foi uma referência, e foi uma referência da minha juventude; estudei por dois livros dele e guardo vários volumes da sua “Biblioteca Cosmos”; é um prazer também por isso associar-me a esta iniciativa.

Em Abril passado, no auge da pandemia em vários países, a novelista indiana Arundhati Roy escreveu no *Financial Times* um artigo onde descrevia a pandemia como um portão de passagem; um portão de passagem entre um mundo velho e um mundo novo, e via esse portão como uma «oportunidade para repensarmos a máquina do juízo final que construímos para nós próprios»: isto são as palavras dela. Segundo ela, «nada poderia ser pior do que um regresso à normalidade». E adiantava: podemos atravessar o portão «arrastando connosco as carcaças dos nossos preconceitos e ódios, a nossa avareza, as nossas bases de dados e ideias mortas, os nossos rios defuntos e céus poluídos», ou podemos «viajar leves, com pouca bagagem, prontos a imaginar outra vez um novo mundo. E prontos a lutar por ele».

As reflexões que vou fazer acerca das implicações da pandemia sobre a Educação, que estão sujeitas ao pedido que o faça segundo o triângulo *Instrução, Tecnologia, Informação*, são a explicação que eu vou tentar fazer, do que levaria comigo ao passar esse portão.

Instrução. Não levaria comigo um ideal de instrução, levaria sim, um ideal de educação integral, como Bento Caraça perfilhava na sua conferência de 1933, “*A Cultura Integral do Indivíduo*”. Um ideal que também era defendido, anos antes, por John Henry Newman no seu livro *The Idea of a University*, que tanto influenciou as primeiras grandes universidades norte-americanas a partir do fim do século XIX. Newman distinguia duas formas de educar: uma *mecânica*, a instrução, que se consumia no particular, quase sem influenciar a mente; e uma *filosófica*, a educação propriamente dita, que permitia a cada um ascender por esforço próprio ao saber universal e ao desenvolvimento do carácter. Segundo Newman, a educação assim entendida desenvolvia a *integridade*, ou qualidade do que é inteiro, combinando entre si os conhecimentos, todos os conhecimentos, e os valores. Seria essa **educação integral**, que eu levaria comigo através do portão.

Tecnologia. A tecnologia faz parte do nosso tempo, pelo que não poderia deixar de a levar comigo. Mas levá-la-ia, no entanto, com cautela, deixando para trás a sua sujeição cega ao capital, a sua apetência para destruir o planeta e criar desigualdades e a dependência que ela induz na mente das crianças e dos adultos. O problema da tecnologia, no entanto, como sabemos, não é um problema de tecnologia. Bento Caraça defendia isso mesmo na versão de 1939 do mesmo artigo, que publicou na *Seara Nova*, e abordava o que ele chamava *o problema do maquinismo* dizendo que «o problema fundamental é, não um *problema de técnica*, mas um *problema de moral social*». Curiosamente, Heidegger, viria a dizer exactamente ou praticamente a mesma coisa, quinze anos... depois. Em suma, o que eu levaria comigo era a tecnologia, mas levava-a envolvida num **novo humanismo** que lhe desse alma. Uma tecnologia com face humana e um sentido ético.

Informação. No seu poema “*The Rock*” (1934), T.S.Eliot perguntava: «Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? \ Onde está o conhecimento que perdemos na informação?»[†]. O historiador Jacob Burckhardt augurava, há cerca de século e meio, que a vida moderna seria gerida por “simplificadores brutais”. Referia-se, bem entendido, aos ideais nacionalistas que mais tarde eclodiram e deixaram em chama a Europa e o mundo. Infelizmente, apesar desse triste exemplo, a vida moderna está cada vez mais dominada por simplificações brutais. Uma delas, talvez das mais destrutivas, é a ideia, de que a aprendizagem é uma mera transferência de informação ou de conteúdo. O disparate nem seria grave se a simplificação não dominasse o discurso dos nossos dias, mas a verdade é que domina, mesmo nas instâncias mais elevadas do poder. Por isso muitos dos comentários exaltados a que assistimos nos últimos meses a propósito da educação presencial e remota resultaram dessa ridícula simplificação. O pânico que se instalou, de que as escolas e os professores pudessem ser

substituídos por tecnologias que fizessem a transferência automática dos “conteúdos” para a cabeça das crianças, resultou dessa crença ingénu de que educar é apenas transferir informação.

Como é evidente, a função essencial da educação não é fornecer informação: é transformar mentes. É construir autonomia e paixão. É inflamar imaginações e vontades. É fazer com que quem aprende possa prosseguir por si só, com entusiasmo e confiança. Educar não é colocar peixes (ou “conteúdos”) nos anzóis de quem não sabe pescar: é criar pescadores confiantes e autónomos, que pesquem por si, quando quiserem e se quiserem. Isso leva-me ao que eu chamaria um discurso ou uma proposta de discurso alternativo; eu penso que o que se impõe — que se impõe antes que a oportunidade se extinga — é construir para a educação um discurso alternativo que não arraste para um novo mundo as carcaças de uma educação decadente, inspirada nas linhas de montagem da indústria de há duzentos anos e nas aulas magistrais dos mosteiros medievais. Um discurso que reconheça que a educação é um fenómeno humano, intelectual, emocional e social riquíssimo. Um discurso que perceba que, de acordo com o princípio da variedade dos requisitos, num mundo que é hoje de presença e de distância, a educação tem de ser também de presença e de distância. Será certamente uma educação solidamente ancorada na presença, mas onde muito do que é humanidade, comunidade e inteligência só poderá ser encontrado na distância.

Por outro lado, para sobrevivermos nestes tempos cada vez mais incertos, há um outro aspecto, é que a informação é cada vez mais volátil e o conhecimento é cada vez mais precívél, e por isso é essencial aprender em permanência. Como iremos nós aprender em permanência, se ninguém sabe, ninguém faz ideia, de como será o mundo de amanhã? Daí que só há uma solução: como Robinson Crusoe, na sua ilha deserta, temos de aprender sozinhos, à medida que o mundo se transforma e nos vai colocando desafios, tal como hoje faz a pandemia. A nossa vantagem, quando comparados com o herói de Daniel Defoe, é que podemos aprender uns com os outros, em comunidade, visto que a tecnologia, a tal que hoje não tem alma, pode ganhar alma se nós quisermos usá-la para construir inteligência colectiva. Para tal, é essencial que a educação incorpore a tecnologia, em vez de a rejeitar, e que transforme o seu uso meramente recreativo num uso profissional, competente, humano e contido, obviamente.

Daí que o desafio que a pandemia nos colocou pode exprimir-se para mim num novo triângulo: *Educação integral, Tecnologia humanizada, Construção de autonomia*. Seria esse o triângulo que eu levaria comigo para o mundo novo.

E só para terminar, no livro mais interessante que eu conheço sobre a metafísica da qualidade, o personagem central, Fedro, procura incansavelmente a verdade. Um dia, está Fedro em casa à procura da verdade, quando a verdade lhe bate à porta. Furioso com a interrupção, Fedro grita lá para fora: “Deixem-me em paz, que eu estou ocupado”. E a verdade foi-se embora! Não podemos correr o risco de que nos aconteça o mesmo.

[†] António Dias de Figueiredo publicou no jornal *sinalAberto*, (18/7/2020), três dias depois da sua intervenção neste debate e aqui transcrita, um artigo intitulado “*Que educação para depois da pandemia?*”, que pode obter-se através da ligação <https://www.sinalaberto.pt/que-educacao-para-depois-da-pandemia/> e que corresponde no essencial ao texto aqui transcrito. Uma alteração surge porém nesse artigo a seguir à citação dos versos de Eliot, acrescentando em forma de pergunta uma glosa aos versos: «Também poderíamos perguntar: “Para que queremos informação, se não para construir conhecimento? \ Para que queremos conhecimento, se não para construir sabedoria?”».



Raquel Varela

Penso que o que nós estamos a observar é aquilo que Naomi Klein denominou a “Doutrina do choque”. Em “*A Doutrina do Choque*”[‡], que ela elaborou a partir do furacão Katrina, chegou à conclusão que a partir de uma grande catástrofe, as empresas, as grandes corporações e os Estados, juntos ou a partir dos seus governos, conseguem impor uma série de medidas que visam uma intensificação da acumulação e da expansão dos capitais em condições que de outra forma a população não aceitaria.

Eu penso que as medidas face à pandemia deram uma oportunidade para acelerar um processo de reestruturação produtiva que já era pedido por grande parte das empresas falidas, endividadas ou com significativas

quebras nas taxas médias de lucro na produção real desde 2019 — eu não estou a falar no sector financeiro, mas produtivo sobretudo.

E procuram, quer a coberto da dita “economia verde” quer a coberto da transição digital garantir grandes quantidades de subsídios estatais que possam manter estas empresas à tona, transferindo para os Estados através de “impostos verdes” e subsídios, a reestruturação das suas empresas e das suas dívidas, aumentando, claro, o desemprego, livrando-se de milhares, e à escala mundial, de milhões de trabalhadores, aumentando também as quotas de mercado que eram das empresas falidas, entretanto.

O argumento que tem sido usado na escola é o da democratização do acesso digital, e o da diminuição da burocracia; ou “salvar o planeta” mais genericamente falando. Mas o que nós observamos na realidade é que isto diminui a democracia, porque torna os Estados mais endividados, não resolve a crise ecológica, e sobretudo destrói o trabalho qualificado e as relações laborais e sociais. Ao nível da educação é catastrófico: o ensino *online*, que é na verdade informação remota, destrói o conhecimento científico, a concentração, a abstracção, a capacidade de dominar conceitos complexos, o desenvolvimento de funções específicas superiores, cada vez mais património exclusivo de uma elite cada vez menor. E à vasta maioria fica reservado o direito de carregar em botões, que começam a carregar já quando são crianças em horas perdidas nos telemóveis e *Ipads*, onde engordam, perdem agilidade, direito a brincar na realidade (o jogo virtual não é um jogo, é uma compulsão, que não implica relações sociais reais), e depois terminam em linhas de montagem quando são adultos. Com consequências devastadoras para a saúde física e mental.

Portugal, creio eu, é dos países mais atrasados desse ponto de vista, mas os estudos feitos nas sociedades pediátricas e neurológicas norte-americanas, inglesas e alemãs já aferem que mais que duas horas por dia de acesso a um ecrã em crianças e adolescentes, tem efeitos que implicam alterações de sono, problemas de visão, dores de cabeça, distúrbios metabólicos e hormonais, de concentração, tendências depressivas, aumento dos pensamentos suicidas; isto tem tanto a ver com a própria luz do telemóvel, a própria *multitasking* e a própria aceleração do processo do telemóvel e do computador, quanto com a ausência de socialização que implicam muitas horas nestes computadores. E agora foi o próprio Ministério e o Estado a exigir que as crianças tivessem não duas horas mas quatro, cinco, e estarem presos em casa onde estão mais 5 a 8 horas, no total são 10 a 14 horas de ecrãs — é a barbárie e o absoluto desprezo pelos direitos das crianças. Devo salientar que isto é grave nas crianças mas também nos jovens — a socialização é fundamental em todas as idades, bem como o direito a ser criativo, inteligente, hábil, pensar e executar, conhecer para ser actor da democracia e não sujeito passivo, ser livre e ter um sentido das suas acções e não um apêndice de uma máquina.

O que as pessoas chamam jogos lúdicos, de repetição frenética, são, na verdade, preparação e manutenção da força de trabalho para entrar no mercado de trabalho automatizado, a linha de montagem começa no *Ipad* aos 3 anos e vai até às 10 horas de ecrã aos 18 anos. Uma, insisto, barbárie que demonstra a brutalidade que o regime de acumulação impõe sem limites pelos mais elementares direitos humanos, como o direito à saúde, ao tempo livre, ao conhecimento e claro, à educação.

A pandemia foi naturalmente um momento de pânico para todos, inicialmente, mas rapidamente se transformou num *jackpot* para algumas empresas e Estados porque também permite fazer daquilo que é tradicionalmente um espaço de não acumulação capitalista — a escola, a saúde, a segurança social, etc., que são espaços onde se deve prestar um serviço e não há lucro, ou não deveria haver —, a que passe a existir: o salário aparece como um gasto (o salário dos professores e dos médicos por exemplo, ou dos enfermeiros), mas a tecnologia vem naturalmente associada a lucro. Aliás viu-se rapidamente como este governo, que não conseguiu ter durante uma semana duas ideias coerentes, sem na semana seguinte ou na própria semana mudar, foi tão rápido a anunciar compra massiva de *software* e de computadores e não a diminuição do número de alunos por turma e investimento massivo na qualidade da formação e nos professores; nós continuamos a ser um país estrategicamente voltado para profissões que exigem pouca qualificação — turismo, sector exportador etc. — e cada vez mais viramos a educação nesse sentido: uma formação de uma força de trabalho de baixa qualificação a que associamos naturalmente uma alteração na própria qualidade dessa formação, que é cada vez pior.

Eu obviamente não escondo (e tornei-o público várias vezes) que sou absolutamente crítica das chamadas teorias pós-modernas da educação, acho uma tragédia o que aconteceu com as “competências”, as “tarefas”, com a ausência de aulas magistrais; peço desculpa de discordar mas acho que as aulas magistrais são absolutamente centrais e fundamentais, só que para dar uma boa aula magistral é preciso ser um professor excelente que se tenha preparado muito bem; se o professor está a trabalhar numa linha de montagem em que dá dezenas de aulas a centenas de alunos repetidamente com um programa ainda por cima pré-fabricado onde não há quase nenhuma autonomia pedagógica a aula magistral vai virar uma cassette repetitiva e completamente desinteressante para os alunos.

O que nós estamos a verificar de facto, não deixa de ser espantoso, é que ter acesso a educação real passou a ser um privilégio. Fiz agora uma pequena investigação nos melhores colégios privados em Portugal, e os telemóveis são proibidos, inclusive nos intervalos; não há nenhuma obrigatoriedade de ler um livro de filosofia na escola pública e nestes colégios é obrigatório ler livros, livros em papel, e é obrigatório analisar os livros, para não falar de visitas de estudo, do ensino da música etc. etc.; não estou a pretender fazer um contraponto entre escolas públicas e escolas privadas, sempre fui uma defensora da escola pública; os exemplos que dei referem-se a meia dúzia de colégios, a vasta maioria dos colégios privados não tem este modelo, tem um modelo aliás idêntico ao da escola pública com a diferença que oferece um maior horário de abertura onde se podem despejar as crianças durante muito tempo e uma ilusão de segurança em que as crianças estão supostamente mais protegidas ou cuidadas; quanto à qualidade pedagógica, estou convencida que a qualidade pedagógica na maioria das escolas privadas é inferior à das escolas públicas, mas há meia dúzia de colégios onde de facto as classes dirigentes têm aspirações hegemónicas e dirigentes e onde continuam a disputar um ensino que visa transmitir aquilo que é a educação, quanto a mim, que é a transmissão, naquele indivíduo singular, do conhecimento científico adquirido pela humanidade; isso está restrito em Portugal, quanto a mim, a meia dúzia de escolas; na vasta maioria os professores foram proletarizados e estão generalizadamente em *burnout*; esse *burnout* contagia os alunos, que acham a escola brutalmente desinteressante. Estamos numa situação quanto a mim catastrófica — não tenho outra palavra para a descrever — e aliás isso vê-se nos índices: mais de 78% dos professores estão em exaustão emocional e só 9% ou 10% das crianças é que diz que gosta da escola. E portanto quando os nossos dois principais actores não querem estar no palco nós temos que naturalmente nos perguntar onde é que errámos muito, não é aonde é que errámos, é onde é que errámos muito.

A transformação tecnológica é a nível mundial, nos Estados Unidos colocam-se exactamente as mesmas questões. E aí há já vários Estados que propõem este modelo *online*, muito centrado na tecnologia, como definitivo. Com este modelo, posso garantir que ninguém aprende *online*, inclusive no ensino superior; é um mito pensar que os mais velhos aprendem mais *online*, o que nós vamos ter no ensino dos adultos é um conjunto de alguns autodidactas que já eram autodidactas, e portanto o papel dos professores aí — *online* ou presencialmente — é quanto a mim secundário; já era secundário: todos nós tivemos alunos que não precisavam de nós, são muito poucos e vão continuar a ser e isso não vai mudar.

Agora o que nós temos verdadeiramente e tivemos nesta experiência do “ensino” *online*, se para alguma coisa serviu, do meu ponto de vista, foi para mostrar que toda a teoria que nós tínhamos elaborado contra o ensino *online* se tornou parte da realidade de milhões de seres humanos ao mesmo tempo; milhões de seres humanos ao mesmo tempo perceberam que ninguém conseguiu ensinar rigorosamente nada nem aprender rigorosamente nada neste processo.

Câmaras municipais, governos, empresas, olharam para o lado e decidiram que o que faz falta são computadores. Mas o que faz falta é justamente o contrário, é gente, tempo, conhecimento e proximidade social. O consumo de horas de televisões, telemóveis, ecrãs é tanto maior quanto mais baixa é a classe social; é evidente que na questão pandémica emergencial havia muitas crianças sem acesso a computador, mas o estudo rapidamente feito sobre isso mostrou que quando elas passaram a ter computador continuaram sem estar presencialmente atentas, interessadas, curiosas pelo que se estava a passar e o mesmo se passa em grande medida nos professores.

Nós estudamos há vários anos a questão do sofrimento no trabalho e da organização do trabalho docente e agora fomos confrontados com uma situação que estava prevista na literatura mas que foi um bocadinho duro de verificar que é verdade: os professores que mais gostaram do ensino *online* eram os que mais detestavam a escola e que mais tinham sentimentos de rejeição face à escola e aos alunos, por exemplo; e entre os alunos que melhor se deram com o ensino *online*, isso obviamente não faz parte dos nossos estudos, não é o que fazemos, mas vários psiquiatras e neurologistas referiram, são os alunos com perturbações (vários docentes referiram que alunos com autismo estavam melhor no ensino *online*, porque têm muita dificuldade relacional pessoal e realmente o computador foi um meio — neste caso ainda bem — onde de facto se conseguiu chegar melhor àqueles alunos — mas isto é absolutamente revelador do que significa para a esmagadora maioria dos alunos).

O Ministério resolveu fazer um inquérito onde não se perguntava aos alunos se gostavam ou não do ensino *online*, assumia-se que o ensino *online* era um dado adquirido e todas as perguntas iam a partir daí; uma coisa portanto completamente enviesada sem nenhum fundamento científico.

Nós para aprender precisamos de ter excelentes professores, para ter excelentes professores precisamos de ter excelentes condições de trabalho, à cabeça das condições de trabalho tem que estar uma remuneração muito atractiva, não chega mas essa remuneração é essencial; tem que haver um ambiente democrático nas escolas, que não há, tem que haver um ambiente de exigência científica que quanto a nós não existe e não é só nas escolas, é também nas universidades; o famoso processo de Bolonha, e passar cursos de quatro para três anos ou de cinco para três anos, e passar de semestres para trimestres, diminuir a carga horária das aulas, tudo isso teve efeitos; e há um problema sério entre o interesse e o empenhamento dos professores e o domínio científico que eles têm das matérias, e portanto tudo isto cria problemas sérios.

E depois há outras questões que eu percebi e que nas intervenções anteriores já foram referidas, e com as quais concordo, que têm a ver com o próprio facto de sermos animais sociais, com a própria interacção, o estímulo, o debate, a proximidade, o grupo, tudo isso, e eu penso que há que voltar aos velhos russos, Leontiev, Vygotsky, Luria, com trabalhos que foram, muitos deles, até desenvolvidos recentemente na neurologia de forma muito interessante, ou seja não é possível separar o processo educativo do processo emocional; eu até estou a separá-lo em linguagem mas isso não existe, a linguagem é ela própria um processo profundamente complexo, como todos sabem aqui tão bem; e portanto eu penso e estou convencida que o ensino *online* prejudicou a maioria dos alunos, não acho que tenha sido uma boa solução, o ano lectivo devia ter sido encerrado em Março [de 2020] (ou sequer devia ter sido encerrado, sobretudo mais tarde foi injustificável, na minha opinião), e não prolongar-se amiúde esta farsa.

A experiência que nós temos verificado em vários questionários e entrevistas que temos feito é que os alunos mais empenhados passaram a detestar a escola durante o processo de “ensino” *online*, havendo um processo de rejeição muito grande: os alunos foram envolvidos em testes de cruzinhas, coisas tão ridículas como dançar chachachá em 30 segundos para ser avaliado pelo professor de Educação Física; fazer testes de cruces pré-feitos por uma empresa que vende *software*; os professores que não conseguiam aceder ao vídeo e muitos destes professores — não vou citar as escolas para não criar mal-estar — aceitaram avaliar os alunos como se fosse um período normal, em algumas delas — 33%! —

não estando eles próprios presentes, notem bem o descalabro e isto criou situações, cremos nós, de profunda desconfiança. E a confiança é uma base essencial do processo de aprendizagem; criou nos alunos, criou nos professores uma sensação de farsa, que eu penso que afastou profundamente ainda mais docentes e discentes neste processo que não é um processo educativo. O que aconteceu aqui foi um remendo que quanto a nós devia ter sido substituído por leituras de livros e debates sobre eles, visualização de filmes e sobretudo tentar enquadrar a pandemia em cada uma das disciplinas e que cada professor tentasse levar o tema da pandemia nas diversas áreas aos seus alunos; ou dar aulas na rua, ao ar livre, fazer jogos reais de socialização, era isso que deveria ter sido feito e jamais a continuação deste processo.

‡ *A Doutrina do Choque* — *A Ascensão do Capitalismo de Desastre*, de Naomi Klein; SmartBook, 2009. Ed.or.: *The Shock Doctrine* — *The Rise of Disaster Capitalism*; Knopf Canada, 2007.



JMR Estou aqui com uma missão difícil, foram levantadas muitas questões importantes, o nosso é obviamente limitado, mas eu atrevia-me a colocar desde já uma questão que me parece transversal a todas as intervenções; há uma necessidade urgente de mudar, já se percebeu que os modelos que estão a ser aplicados não são os mais adequados, a pandemia criou essa oportunidade, pelos vistos até agora tendo em conta o que disse a Professora Raquel Varela, as opções que foram assumidas em termos do Ministério da Educação e em termos do Governo parecem não ser as melhores e a questão é esta: temos tempo até ao próximo ano lectivo, até ao início do próximo ano lectivo, para mudar alguma coisa? Sendo que me parece difícil a excelência a que fazia referência a Professora Raquel Varela, a excelência em vários vectores, é possível mudar alguma coisa de modo a não passarmos este portão, como também alguém disse, levando para o próximo ano lectivo as velhas carcaças, ou não é mesmo de todo possível para já em tão curto espaço de tempo mudar coisas que precisam de facto de mudanças talvez radicais?

Voltava ao início do nosso debate e começava pela Professora Maria Emília Brederode Santos.

MEBS Gostei muito de ouvir a maioria das intervenções, sobretudo porque me parece que se destacam duas coisas: primeiro uma enorme valorização da Educação, que talvez não seja de estranhar neste contexto mas em todo o caso parece-me que na sociedade em geral, em Portugal, houve um grande interesse pela Educação, uma muito maior valorização da Educação e um muito maior pensamento crítico sobre a Educação; discute-se muito mais a Educação do que há dez ou vinte anos e isso parece muito positivo; a outra questão que me pareceu muito interessante foi a valorização do lado emocional, os Professores Mário Figueiredo e o António Dias de Figueiredo desenvolveram esse tema e eu obviamente congratulo-me e desposo essa posição.

Mas a situação é de tal maneira instável e incerta, que é difícil, imaginar o futuro a curto prazo. A longo prazo será mais fácil por paradoxal que pareça!

Então agarraria nesse desafio que o nosso moderador coloca e subdividi-lo-ia em 3 perguntas:

- o que é que desejaríamos guardar, daquilo que existiu, da Educação que tivemos;
- o que é que podemos e seria bom dispensar;
- e o que é que desejaríamos criar.

JMR Obrigado. Ponho ao Professor Mário Figueiredo a mesma questão, mas eu juntava aqui um outro dado que é uma questão que também ficou latente em algumas intervenções: o sector da Educação tem necessidade de um maior investimento nas pessoas; é isso que falta? Ou seja constroem-se escolas mas depois falta o resto, compram-se computadores mas depois falta o resto, é o mesmo que construir hospitais mas depois é mais difícil contratar médicos e enfermeiros...

MF Estou de acordo com isso obviamente, a Escola precisa de mais apoio. Sou como a Professora Raquel Varela, sou completamente adepto da Escola Pública, acho que é um investimento absolutamente fundamental em qualquer sociedade e concordo com o que ela disse relativamente a que um dos pilares deste investimento é a remuneração salarial das pessoas envolvidas na Educação; é obviamente um aspecto, mas não é o único este investimento que estou a referir, e chamo a atenção para a necessidade de outro tipo de investimentos; nunca dei aulas no Ensino Secundário mas conheço muitos professores nesse nível de ensino, muitos deles queixam-se de muita coisa, mas muito raramente a queixa é o salário, a principal queixa habitualmente é a demasiada carga burocrática, o pouco reconhecimento pela actividade do ensino, são aspectos mais subjectivos, mais motivacionais; obviamente que não estou com isto a dizer que é só nisso que se deve investir mas esse aspecto é

extremamente importante e isso tem mais a ver com a organização do sistema de ensino, com a visão que a sociedade tem do ensino e a relação que o ensino tem com a sociedade, são aspectos mais subjectivos e mais culturais e eu não sei como é que se avança nessa direcção, não sou um estudioso do assunto, mas é um aspecto que eu sinto.

Um aspecto que eu sinto ser extremamente importante em termos do ensino e que garantidamente é verdade no Ensino Superior e que eu penso que já vem mal do Ensino Secundário, havendo várias propostas em diferentes sentidos para resolver, talvez vos vá surpreender com o que eu vou dizer, é o foco extremo na avaliação; os alunos têm como preocupação única, ou quase única, “quanto é que vão ter no exame” e isso mata-lhes o gosto; há tempo estava a ler um capítulo de um livro de Edward Deci e Richard Ryan sobre “motivação intrínseca”[#]; com aquela preocupação os alunos não podem ser intrinsecamente motivados para querer aprender: porque querem aprender, por gosto intelectual, querem formar a sua visão e a única perspectiva que encontram é ter uma cenoura ou um pau, esparso na nota; e eu acho que este foco que vem do Secundário, por causa do acesso à Universidade e que formata a mentalidade e a postura emocional que o aluno tem perante as cadeiras e perante as aprendizagens, é extremamente negativo e na Universidade sucede de novo o mesmo; eu culpo também disso os meus colegas, é uma cultura que está instalada; as pessoas preocupam-se extremamente com a avaliação “como é que o exame vai ser” e “como é que vai ser a nota”, acho que isso é pernicioso e que era preciso abrir um pouco, descomprimir, desdramatizar a avaliação, tornar a coisa mais leve desse ponto de vista e colocar uma tónica mais para lá da aprendizagem; ainda por cima a avaliação é extremamente ruidosa; quando pergunto aos meus colegas “porque é que estás tão preocupado se dás 17 ou se dás 16 ? achas que tens precisão? se amanhã fizesses outro exame diferente sobre a mesma matéria, achas que o aluno teria a mesma nota? não tinha, tinha mais dois pontos ou menos dois, a nota resulta de uma circunstância, naquele dia calhou assim e noutro dia a nota podia ser outra. Claro que ao longo de um ano os alunos bons destacam-se em média, mas acho que é um aspecto da avaliação do ensino deveria ser repensado; não sou pensador de pedagogia nem do ensino, estou a falar da minha experiência individual, como professor, acho que este foco excessivo na avaliação que é uma espécie de capitalismo do ensino no mau sentido: que é pôr tudo em termos de uma moeda de troca, tudo tem um valor. Tenho colegas que dizem que estão a dar uma aula e que estão a ensinar uma coisa que acham muito bonita e acham muito interessante e ficam extremamente tristes quando no fim o aluno pergunta: “ó professor, mas isso vem para o exame ou não vem? é que se não vem para o exame eu não tenho interesse nenhum em estar a ouvir isso”; e isso é uma coisa que mata o entusiasmo dos professores obviamente e coloca os alunos na postura emocional errada perante a aprendizagem; eu portanto acho que o ensino precisa de um investimento mas não é só investimento de dinheiro é investimento nestas coisas desta forma que eu acho que é muito relevante.

[#] *Motivação intrínseca e autodeterminação no comportamento humano*, de Edward Deci e Richard Ryan; Plenum, 1985.

JMR Vejo que a Professora Maria Emília Brederode Santos gostaria de intervir. Faz favor de o fazer. Eu só estou limitado pelo tempo de duração do debate e só por isso apelo ao poder de síntese.

MEBS Eu gostaria de acrescentar alguma coisa ao que disse o Professor Mário Figueiredo. Concordando mais uma vez com ele gostaria de dizer que há um trabalho da Organização Mundial de Saúde que saiu há pouco tempo, em que a parte portuguesa foi coordenada pela Professora Margarida Gaspar de Matos, e em que se constatava como o gosto dos adolescentes pela Escola tem vindo a decrescer desde cerca de 2002 até hoje e que uma das razões que eles apresentam para isso, para além de acharem as aulas longas, desinteressantes — e aqui eu faço também um parênteses para a professora Raquel Varela: é que as aulas magistrais podem ser óptimas mas não das oito e meia da manhã até à tarde, não pode ser assim e portanto quando se fala noutro tipo de pedagogia é porque se

tem isso em conta —, mas voltando a essa questão, os adolescentes consideravam que uma das razões que mais justificava o seu desgosto crescente pela escola — além das aulas longas, desinteressantes, pouco vivas e pouco actuais —, era justamente o excesso de pressão sobre a avaliação e sobre as notas e sobre as classificações. Que eles dizem que era da parte da escola, mas também sentem muito da parte dos pais: é a sociedade toda no fundo que está um bocado nesse diapasão e que acaba por condicionar também a atitude dos alunos.

O Conselho Nacional de Educação — através do Conselheiro Pedro Lourtie — está a preparar um parecer sobre a questão do acesso ao Ensino Superior porque o Secundário queixa-se muito de estar refém do acesso ao Superior que se traduz nessa atitude dos alunos que dizem “se não vem para nota não vale a pena estudar”...

JMR Passo agora palavra ao Professor António Dias de Figueiredo; e coloco-lhe a a mesma questão: como é que é possível aproveitarmos esta janela de oportunidade para não levar as velhas carcaças que o senhor referiu há pouco, citando...

ADF Eu sou optimista e penso que temos tempo. Eu estou a lembrar-me de uma imagem, acho que era de Riccardo Mazzeo numa entrevista que fez a Zygmunt Bauman sobre Educação e usava a metáfora: tinha havido um naufrágio e as pessoas salvaram-se construindo a jangada ao mesmo tempo que iam procurando encontrar um bom porto; o que nós estamos agora e vamos continuar a estar em sucessivas alturas, é a estar perante catástrofes e temos que ser capazes de construir a jangada ao mesmo tempo que vamos navegando e portanto a nossa solução vai ter que ser feita mas não é só com tempo, é com gente e há uma coisa, por exemplo, que me deixa espantado: houve algo que eu observei que aconteceu neste período que foi, um conjunto de professores no dia 14 de Março ter constituído no *Facebook* um grupo para tirarem dúvidas uns aos outros; três meses depois esse grupo tem mais de 30 mil pessoas e não pára, dia e noite, um grupo com mais de 30 mil pessoas no *Facebook* para ensinarem uns aos outros, é uma comunidade prática espantosa; se nós pensarmos que o primeiro *look* tinha dois mil professores, nós tivemos durante mais de três meses, e está a continuar, uma comunidade prática com 30 mil professores que espontaneamente se juntaram para aprenderem uns com os outros a resolver os problemas; se isto não é uma virtude dos recursos humanos que temos, se não acreditamos nisso em que é que nós podemos acreditar?

Mas com tempo e com pessoas temos também que ter realismo e eu penso que não é ter realismo contrastarmos cenários distópicos que são aplicados ao presente, dizendo “isto está tudo mal” e pegamos numa série de exemplos que podem ser dez, podem ser vinte podem ser cem, de coisas que correram mal e depois contrastamos com um cenário idílico que é o cenário dos colégios de luxo e dizemos: isso sim, é disto que nós precisamos, há aulas magistrais dadas por pessoas espantosas! Como é que nós fazemos isso? Eu penso que nós temos de ter realismo, nós nem vivemos nesse mundo distópico que está tão mal nem teremos nunca esse mundo utópico dos colégios de luxo nas nossas escolas.

JMR Obrigado e fechamos mais uma vez a ronda com a Professora Raquel Varela.

RV A produtividade em Portugal aumentou 435% nos últimos quarenta anos. Tenho a certeza que nós temos produção excedentária na sociedade para dar este tipo de educação a todas as crianças de forma democrática. Mas para isso obviamente não podemos gastar 8 mil milhões de euros a pagar dívida pública, mais 23 mil milhões a salvar bancos; têm que se fazer escolhas.

Eu não acho que haja alguma barreira natural para que nós possamos dar uma educação extraordinária a toda a gente e penso que, em geral, os Portugueses começam a ficar fartos, isso vê-se nos vários artigos críticos da Educação dos vários governos, começam a ficar fartos de pagar impostos e não ter qualidade dos serviços e é isso que não têm, não têm qualidade dos serviços.

Vejam, generalizou-se uma coisa na Escola Pública portuguesa que é: “as explicações”; e nós aceitámos isto nos últimos vinte anos, e eu concordo inteiramente que os exames fazem uma pressão completamente descabida sobre a qualidade pedagógica, eu pessoalmente até sou contra os exames, mas generalizou-se: há uma série de pais que em vez de pagar universidades privadas começam a pagar explicações privadas a partir do 7º e do 8º ano porque a Escola não dá à maioria dos alunos capacidade nas disciplinas abstractas para conseguir ter notas para entrar no Ensino Superior sem essas aulas individuais. Eu estou a falar das explicações individuais e não daquele sítio onde despejam as crianças, as salas de estudo, etc.

E eu concordo inteiramente que nós não podemos ter oito horas diárias de aulas, nem magistrais nem não magistrais; acho completamente absurdo que nós tenhamos chegado a esta circunstância em que as crianças entram na escola às oito da manhã, algumas saem às cinco da tarde, vão para salas de estudo e depois ainda têm TPC's; quer dizer é um massacre, em que têm um horário mais longo que os pais que são operários! É uma coisa completamente inacreditável, que expropria as crianças do direito a brincar, do direito à socialização, do direito ao ócio, etc.

Portanto o que é que é uma escola ideal? Uma escola ideal é uma escola com excelentes professores onde é ocupada a manhã em aulas cientificamente muito valiosas, muito concentradas e a tarde tem que ser para outro tipo de actividades que quanto a mim são actividades que devem concertar o retorno a uma combinação entre trabalho manual e trabalho intelectual; não estou aqui a defender os velhos trabalhos manuais, mas acho que as crianças perderam o saber fazer e o saber fazer aqui é múltiplo, quer dizer é o não conseguir ter domínio, não em termos de aprender um “ofício” — não estou aqui a defender a formação de operários, estou a defender precisamente o contrário — estou a defender que tem de haver uma série de actividades onde as crianças ponham a mão na massa, porque isso é absolutamente essencial, inclusive para o desenvolvimento de funções que nós apelidamos de intelectuais.

E outra questão é a vivência do espaço livre e do espaço da cultura de fora. Se fizerem hoje uma investigação a maioria das crianças não vai a visitas de estudo e quando vai são no seu concelho que é onde as câmaras municipais sustentam; as crianças nem sequer conhecem o País. Acho que o ideal seria justamente: têm uma boa aula de biologia ou duas, têm uma semana na montanha com os professores de biologia e de geografia, têm um momento de laboratório; estou a falar da biologia, poderia dar-vos o exemplo de história que é a minha área que é mais fácil.

Agora a velhinha discussão que o Professor António Figueiredo levantou existe e não vale a pena escamotear aqui opiniões distintas: eu penso que há dinheiro, o que não há é dinheiro para continuarmos a utilizar os impostos para pagar rendas fixas de capital e não para sustentar serviços públicos, mas o limite não é um limite natural, não é um limite da produção de excedente da sociedade.

Nós construímos a Educação quase a partir do nada — muitos dos que aqui estão, a partir já dos anos sessenta mas determinadamente a partir dos anos setenta, 74 e 75 — com muito menos produção e riqueza acumulada do que aquela que temos hoje.

JMR Obrigado Professora Raquel Varela. Estamos quase a chegar ao fim, eu recordo que temos connosco o Professor João Caraça, que é o presidente do Conselho Geral da *Associação Bento de Jesus Caraça*; será ele que vai ser convidado a fazer as notas finais deste debate, mas antes disso e agora sim apelando mesmo ao vosso poder de síntese, tenho uma última questão que foi enviada pelo Professor Paulo Almeida, é uma questão mais política se calhar, sendo que política é tudo aquilo que nós temos estado a falar aqui e a pergunta é esta: como se sabe educação significa etimologicamente dar a direcção, instrução remete para a aprendizagem do uso das ferramentas do conhecer: o mundo, a sociedade e a si próprio, e escola pretende ser um lugar onde se aprendem as coisas que se podem ensinar, raciocinar, observar, criar, além de ler escrever e contar, e a pergunta é, não seria melhor que no Conselho Nacional da Educação, na Direcção Geral de Educação, no Ministério de Educação, se substituísse no espírito e até na forma a palavra Educação? Professora Raquel Varela, agora começava por si.

RV Eu não sei; eu não sou muito boa nestes jogos de palavras. Nós por exemplo não paramos de ouvir a palavra autonomia e a palavra flexibilidade e acho que não há duas ou três pessoas que pensem o mesmo sobre essas palavras. Eu gosto de usar o termo educação. Creio que se cria uma falsa discussão que nós vimos em tantos professores até a reagirem dessa forma, argumentando que os pais educam e a Escola ensina. Uma criança felizmente não tem um cérebro de manhã e outro à tarde, a educação, obviamente está disseminada; a Escola é o quê? É a educação formal, é a educação científica, eu penso que educo muito bem os meus filhos, até lhes posso ensinar imensas coisas, mas eu não posso formar um engenheiro e um médico, portanto isso é insubstituível. Eu penso que quando nós falamos de Educação, é evidente que há outros espaços de educação, mas o perigo é achar que ir ao *Google* é o mesmo do que a educação formal, escolar, científica, organizada.

JMR Muito obrigado. Agora o Professor António Dias de Figueiredo...

ADF Eu penso que... aqui também estou de acordo com a Raquel Varela, também não tenho nenhuma predilecção pelos debates em torno das palavras, como dizia Wittgenstein o que interessa é o jogo, é o jogo de palavras, é irmos falando e pelo que estamos a dizer, pelo que estamos a discutir irmos chegando, irmos sabendo o que estamos a dizer. Portanto não penso que seja essencial que se chame Educação ou até que se lhe dê outro nome. Agora o que penso é que temos que a mudar independentemente do nome que tenha, penso que temos que a mudar, nisto torno a estar de acordo quando a Raquel Varela falou nas crianças que precisam de saber fazer, é uma coisa que salta perfeitamente aos olhos: como é que as crianças não estão a aprender a saber fazer? como é que não há uma cultura de projecto nas escolas portuguesas? como é que isso é possível? E perante as dúvidas da Raquel Varela quanto à autonomia, há um sociólogo que com certeza conhece e de que tenho a certeza que gosta que é o Richard Sennett que tem um livro chamado "*The Craftsman*", que poderia intitular-se "*O Artífice*", mas que é um livro sobre ética, um livro sobre educação, se calhar não diz a palavra educação em lado nenhum, mas deve ser dos livros onde se fala mais de educação, do que é ser-se educado, e ser-se educado é poder ser um artífice, com a completude, com aquele perfil integral e com autonomia, que é a autonomia que foi conquistada, a autonomia que resultou de aprender a fazer as coisas pelo projecto. Portanto, essa é a minha resposta.

JMR Muito obrigado. E agora o Professor Mário Figueiredo...

MF Pela terceira vez, vou repetir o que os colegas disseram... não queria alongar-me — pois não é a minha especialidade — sobre a questão semântica da palavra “educação”, embora naquele artigo da Professora Olga Pombo que eu citei no início, intitulado "*O insuportável brilho da escola*", o ponto central é que a educação é algo diferente daquilo que se faz numa escola; a escola tem um âmbito um pouco mais restrito, mas eu não gostava de ir por aí, vou usar o pouco tempo que tenho para sublinhar e concordar com o que disse a Raquel Varela relativamente ao aprender a fazer; o aspecto que é central aí, que é o “aprender a fazer” e o facto de na escola os alunos serem levados a fazer coisas, tem um papel muito importante na componente emocional... ter que aprender coisas para depois fazer coisas, por si, cria um envolvimento emocional do aluno com a aprendizagem que é para um objectivo específico, não é apenas para passar no exame e depois esquecer, mas sim para fazer algo com as mãos e o “com as mãos” deve ser entendido num contexto muito lato, não é necessariamente martelar uns pregos numa tábua ou ligar uns fios a um interruptor; pode ser escrever, pode ser um estudo sobre um assunto qualquer, pode ser uma coisa de biologia, pode ser agricultura, pode ser milhares de coisas diferentes; mas este aspecto de fazer, não separar o aspecto lúdico — que nas crianças está muito associado ao “fazer coisas” — do ensino, é preciso que a escola ensine a fazer coisas, ou ensinar a fazer coisas talvez não seja a expressão certa, que a escola também envolva uma actividade de “fazer” da parte dos alunos porque isso é fundamental para o envolvimento emocional dos alunos com a escola.

JMR Muito obrigado, e fechamos agora a ronda com a Professora Maria Emília Brederode Santos. Já pensou nisto, em mudar a palavrinha Educação para Instrução?

MEBS Antes de abordar essa questão, gostava de reforçar esta ideia do “aprender fazendo”, não é só o “aprender a fazer”, mas também “aprender a partir do fazer”. Acho que é de facto uma das grandes pechas tradicionais da escola portuguesa e quase que parece que vai piorando...

Regressando à sua pergunta, salientaria que, para o bem ou para o mal, a escola desempenha muitas outras funções e isso ficou patente nesta crise; muitas outras funções para além da instrução e mesmo da educação; desempenha um papel de apoio socio-emocional, e isso foi muito importante, por exemplo, quando os professores entraram em contacto com os miúdos, quem assistiu a esse momento apercebeu-se da importância que tinha tido para eles... de não estarem abandonados à sua sorte e terem um apoio da escola e do professor, foi um momento muito importante; há esse apoio socio-emocional, há também um apoio social, um papel de âncora social, como se costuma dizer, para miúdos que vêm de fora, sobretudo para imigrantes, uma maneira de terem contactos, poderem informar-se; há um papel de ocupação e organização do tempo, um papel de custódia se quisermos, quando os pais estão a trabalhar; por isso os pais dão muita importância à questão da segurança dos filhos, isso tornou-se evidente neste momento; tem um papel de vigilância e defesa de crianças vítimas de negligência, ou de maus tratos, a escola aparece aí como uma salvação, um ponto de saída. Viu-se como a escola hoje desempenha uma série de funções que não são só de instrução nem sequer de educação mas que asseguram condições para que aquelas ocorram.

E depois, indo pelo tal realismo de que falava o Professor Dias de Figueiredo, a escola tem esse duplo papel de reprodução das desigualdades, mas também pode ter um papel compensatório e um papel emancipatório. O que a mim me interessa é focar essa segunda função e que toda a gente possa colaborar para promover esse papel mais libertador e mais emancipatório para todas as crianças e jovens, não apenas para aqueles com condições, sociais, familiares, psicológicas ... que promovem o gosto, o poder e o saber aprender.

A autonomia pode ter um sentido mais lato ou um sentido mais restrito em relação às aprendizagens, mas em qualquer dos casos parece-me que todas as pessoas, quando defendem a autonomia dos alunos, defendem qualquer coisa como centrá-los no seu projecto de vida, reconhecer-lhes um papel mais central nessa definição; Piaget descreveu a passagem da heteronomia para a autonomia e Kohlberg estudou esse processo no desenvolvimento do pensamento moral. Eu falei num sentido mais restrito de autonomia na aprendizagem, portanto de os alunos serem capazes de planificar o que vão aprender numa determinada fase, com o professor naturalmente, serem capazes de organizar e calendarizar a aprendizagem em função disso, serem capazes de avaliarem o seu trabalho e verem onde podem e devem melhorar; é mais esse tipo de autonomia a que me estava a referir, mas no fundo corresponde também a uma autonomia mais vasta de desenvolvimento de valores e de cultura própria.

JMR Muito obrigado, estamos agora no limite do nosso tempo. Antes dos agradecimentos finais e antes de fecharmos o nosso debate, eu convidaria então o Professor João Caraça, presidente do Conselho Geral da *Associação Bento de Jesus Caraça*, para fazer umas notas finais sobre deste debate; penso que podemos dizer desde já que saímos todos um pouco mais ricos ouvindo as ideias uns dos outros.



João Caraça

Inegavelmente saímos mais ricos. Eu queria agradecer a presença de todos e muito em particular agradecer ao Paulo Almeida ter organizado este debate e perseverar na sua realização, queria agradecer à Maria Emília Brederode Santos, ao António Dias de Figueiredo, à Raquel Varela e ao Mário Figueiredo, pelas suas intervenções, queria agradecer ao José Manuel Rosendo a moderação que fez e queria dizer que este é um caminho em que a *Associação Bento de Jesus Caraça* se deve lançar, ou seja, discutindo problemas centrais do nosso tempo, tendo em atenção o passado e obviamente com um sentido do futuro.

Eu estive a ouvi-los, achei a discussão muito interessante, naturalmente num debate não podemos esgotar tudo, nem isso faria sentido; estivemos a falar acerca de um tema muito vasto: *Instrução, Tecnologia, Informação*. Centrámos-nos muito sobre a Escola e sobre os efeitos nela do problema da pandemia que nos afecta agora, mas o problema da instrução, da tecnologia, da informação, está connosco e está em todos os tempos, é um problema de vários objectos históricos, que tem uma história, que tem uma evolução.

Naturalmente falou-se sobre palavras e as palavras têm todas um certo significado, mas não temos tempo nem tivemos tempo de pôr em comum os vários significados que damos a estas palavras porque naturalmente às vezes não dizemos exactamente o mesmo quando usamos a mesma palavra, mas queria só reforçar que gostei muito das vossas intervenções e acho que foi um bom debate e um bom início para este tipo de debates.

Gostei muito desta noção que a história agora está a ter valor, está a renascer — é verdade! —, estamos todos a mergulhar sobre a história das cidades, sobre a história das pandemias, etc., e nós que gostamos das coisas do conhecimento sentimo-nos movidos por isso, e a ciência também parece que está a ter mais valor agora, pois as pessoas estão todas muito preocupadas com a necessidade de um novo conhecimento científico, de um conhecimento da Natureza, sobre estes novos objectos, sobre aspectos da vida com que somos confrontados e a que temos de nos adaptar, e conviver e lutar contra, pois como sabem a vida é uma fome, a nível molecular é uma fome.

Mas a minha questão é: muito provavelmente, depois de passarmos isto, não iremos voltar a ter tão cedo outra vez um reganhar deste interesse pelas coisas do conhecimento. Eu não sou nada descrente de tudo isto, mas a tendência pesada que eu tenho visto nos últimos quarenta a cinquenta anos não é para valorizar muito as coisas do conhecimento, sobretudo do conhecimento mais fundamental, e portanto esta é uma grande luta que nos fica, que está digamos entremeada desta questão da pandemia mas que nos vai ficar e que o vai ser muito provavelmente se tivermos dificuldades acrescidas e quedas do produto económico e da riqueza; e depois de sairmos deste tormento, vamos ter de repensar muito seriamente e vamos ter que lutar muito seriamente para repor algumas destas coisas, porque na realidade nós estamos de passagem, mas a passagem não acelera as coisas, a passagem só quando se olha para trás é que se vê o que mudou, enquanto estamos nela vemos uma enorme confusão; porquê? Porque há uns que não conseguem e esses são seleccionados negativamente, há outros que conseguem apoios, subsídios, como muito bem foi dito, porque se encostam, têm poder; e há outros que experimentam coisas novas e que são seleccionados por outras partes da sociedade e é isso que depois vai constituir um novo caminho. Ou seja este processo em que estamos é um processo da evolução, é um processo muito duro, do qual muitas coisas a que nos habituámos vão parecer diferentes; não vão parecer diferentes... depois, por enquanto ainda não, podemos tentar apercebermo-nos, mas enfim é isso que se passa normalmente, quando mergulhamos na história e vemos o que se passou noutras sociedades.

Senti um bocadinho aqui uma diferença entre as palavras conhecimento e informação; só estou a chamar a atenção para isso porque para mim, conhecimento e informação estão ao mesmo nível: tudo é conhecimento naquilo que é humano, que se pode transmitir, e aliás só se pode comunicar aquilo que se sabe; o bom professor é aquele que obviamente sabe e portanto pode comunicar.

E também gostava de dizer o seguinte: há na realidade, desde há muito tempo que há, digamos, mediatização do conhecimento, a informação que circula por meios, por exemplo o livro é um meio, mas atenção porque os meios, os *media*, são um filtro, hoje falou-se muito do ensino à distância, etc. os *media* são filtros, e qual é que é o problema, é que os filtros cortam sempre um bocadinho da realidade, é claro que podem cortar aspectos essenciais ou aspectos que para o objectivo em causa não são tão fundamentais, e essa é que é a sabedoria de poder usar estes meios todos, que nós temos que usar, pois se os inventámos!, naturalmente que teremos de tirar partido deles se virmos vantagem na sua utilização.

Agora, a digitalização que estamos a viver é uma questão muito maior do que o ensino à distância, porque esta digitalização que estamos a viver já é a segunda digitalização de meios de transmissão do conhecimento; a primeira digitalização foi a invenção da escrita, a escrita é a digitalização do *verbo*, uma digitalização com 20, ou 26 ou um pouco mais letras ou outras entidades, mas o que a digitalização do verbo permitiu foi extraordinário, foi todo o conjunto de civilizações que sucederam, e aquilo que está a acontecer agora que nós vemos com a digitalização através dos meios electrónicos é a possibilidade de digitalizar a imagem, ou seja a imagem está hoje em dia a poder ser transformada, produzida, transmitida, através de processos digitais, e se nós pensamos, se dermos alguma validade àquela aceção que “uma imagem vale mais do que mil palavras” estamos a ver a enorme transformação que a digitalização da imagem pode trazer neste momento de abertura, neste portão de passagem, que pode ser um portão muito mais vasto do que tudo isto, mas estamos no princípio e nem sequer nós podemos entender bem o que todas estas implicações têm; mas esta digitalização da imagem vai que ter de ser ensinada e aprendida, ou seja assim como quando a instrução foi introduzida no século XIX, porque era preciso uma literacia mínima para a população que se industrializava, ler, escrever e contar, pois nós agora temos que começar a pensar, é que além de ler e escrever textos e contar, vamos precisar de ensinar também a ler e escrever imagens para não sermos enganados e podermos exercer o nosso espírito crítico sobre tudo aquilo que os *media* nos vão propor sobre a forma de imagens que nós temos que interpelar e que transmitem muita informação e que nós temos de ter a certeza que nós captamos delas aquilo que é verdade e que é necessário.

Posto isto queria apenas dizer-vos que este caminho que se abriu hoje, é um caminho realmente com enormes potencialidades e eu penso portanto que esta nossa caminhada leva a que a nossa *Associação Bento de Jesus Caraça* vá ter de conseguir pensar e escolher grupos de jogos — não são jogos de palavras mas jogos de participantes — tão bons como estes que tivemos hoje neste debate e ir caminhando no sentido de ir percebendo o que é que nos está a acontecer, porque na realidade se nós não pensarmos no futuro, o futuro não será decidido por nós, mas será decidido para nós por outros e isso é qualquer coisa que nós não vamos querer com certeza.

E senhor moderador, gostava também de lhe agradecer a sua capacidade de colocar este debate todo dentro do tempo estritamente necessário.

JMR Professor João Caraça, muito obrigado, pela minha parte não há nada para agradecer. Permita-me um pequeno à parte; eu como jornalista da Rádio tenho sempre essa condicionante do tempo. As pessoas são sempre convidadas a explanar ideias em 30 segundos a um minuto e eu aqui tive a possibilidade de vos ouvir com todo o gosto desenvolver o vosso pensamento e isso para mim também foi excelente.

Registamos essa sua vontade de que a *Associação Bento de Jesus Caraça* dê continuidade a este tipo de debates; eu pelo que fui vendo no meu mostrador chegámos a ter 60 participantes a assistir ao debate. E resta-me fechar e agradecer mais uma vez à *Associação Bento de Jesus Caraça* obviamente, aos nossos convidados por terem participado e nos terem ajudado a pensar as questões que se prendem com toda esta temática em contexto de pandemia. E ficamos à espera do próximo debate que a *Associação Bento de Jesus Caraça* possa promover. Pela minha tarde muito obrigado e até à próxima.